

Entretanto, a sua filha Vilma, decidiu seguir os seus ensinamentos, quando aos trinta-e-sete anos, ficou desempregada e sem grandes perspectivas de futuro. Hoje, depois de dois anos de intensa dedicação, já fez uma exposição, está a organizar a segunda, e não se imagina a fazer outra coisa. Vendo os dois trabalhar lado a lado, fico a pensar no que poderão ganhar com a sua arte, e peço ao Libano para comparar o que a Vilma ganha actualmente, com o que ganhava no seu tempo. - Aos quinze anos, ganhava dez escudos por dia, o preço de umas meias solas para os sapatos. Aos vinte e cinco, passei a receber quarenta escudos, e, actualmente, a jarra que a Vilma está a fazer, com a técnica do ácido, poderá valer entre quatro a cinco mil euros, com quinze dias de trabalho, aproximadamente, e se for um cálice, pode custar cem euros.

Embolador



A História da Embolação

Segundo o dicionário enciclopédico⁽³³⁾, embolação é a colocação de bolas nas hastes das reses bravas, para impedir, ou reduzir, a perfuração que a cornada provoca, entendendo-se por bolas, armações de couro e metal, que se aplicam sobre as hastes destes animais, e cuja forma cilíndrica se assemelha a um copo. Actualmente, e segundo o regulamento das corridas de touros, as reses que se destinam ao toureio a cavalo devem ser emboladas, enquanto que as destinadas ao toureio a pé, podem não sê-lo. No entanto, e apesar desta regra, os cavaleiros também podem lidar reses desemboladas, desde que devidamente despontadas, sempre que tal seja acordado previamente com os forcados e os ganadeiros. As bolas, só podem ser utilizadas uma vez, e, como tal, são os emboladores os responsáveis pelo fabrico de bolas, em número suficiente, para as corridas em que cada um participa. Entre nós, e atendendo às corridas de touros que existem todos os anos, é fácil imaginar o enorme trabalho que é necessário realizar. Um trabalho, que continua a ser feito de forma totalmente manual.

Em Portugal, a arte de embolar touros remonta ao século XVII, mais concretamente ao reinado de D. Afonso VI, quando a rainha, D. Maria Francisca Isabel de Sabóia,

(33) Dicionário Enciclopédico Koogan Larousse. Selecções do Reader's Digest. Lisboa. 1981

Embolador



com medo de que seu esposo, fervoroso adepto e participante nas corridas, pudesse ser ferido, ordenou que se comesçassem a embolar os touros antes da lide. Mas a embolação, feita nesta época era muito diferente da actual, tendo a forma e o material das bolas evoluído ao longo do tempo.

No início, a bola era apenas metálica, sendo colocada tão só na ponta da haste. Mais tarde, passou a ser composta por um copo metálico na parte posterior, que cobria a haste, desde a ponta até cerca de dez centímetros para trás, e a ser forrada a couro. Actualmente, esta cobertura envolve não só a zona já protegida pela parte metálica, como também a restante haste, até então descoberta, e as bolas terminam, cada uma, com uma argola metálica, cuja função é segurar o cordel que as une às hastes do touro. Em relação à embolação propriamente dita, existem duas formas de o fazer. Na embolação à portuguesa, são usadas, tal como já foi referido, duas armações em couro, semelhantes a um copo, uma para cada haste, em cuja extremidade se colocam as bolas de chumbo. As bolas, estão ligadas entre si por um cordão, que se oculta de baixo do pêlo do animal, e são enfiadas nas hastes e atadas à sua base. Desta forma, pretende-se que o animal, por muito que as raspe no chão, jamais as possa soltar. Por seu lado, na embolação à espanhola, recorre-se apenas a bolas de latão que se enroscam nas pontas.

Mas a função do embolador, vai muito além do fabrico das bolas e da embolação. Por vezes, é também necessário despontar os touros e novilhos, o que significa que, em tais casos, tem de cortar ligeiramente as pontas das hastes, com o cuidado de não exceder a dimensão menor do rectângulo da bitola. E finalmente, outra das suas responsabilidades é a decoração dos *ferros*.





Bandarilhas e Farpas

Quando nos referimos aos ferros, convém diferenciar bandarilhas e farpas, ainda que as primeiras sejam as únicas que se podem usar, com propriedade, como sinónimo de ferros. Contudo, na linguagem coloquial, tal designação utiliza-se habitualmente como abrangente das duas modalidades.

O uso de bandarilhas nas corridas de touros, surgiu na sequência do costume generalizado no século XVII, tanto por parte de lidadores como do público, de atirarem pequenos arpões ou dardos aos touros. Actualmente, estas consistem num pau de secção redonda, com 1,6 centímetros de diâmetro, e setenta centímetros de comprimento, enfeitado artisticamente com papel de seda ou de lustro, de várias cores, escolhidas habitualmente pelo toureiro. Esta escolha, depende das superstições relacionadas com cada cor, já que o amarelo, por exemplo, não é grato aos toureiros por estar associado ao azar. Numa das extremidades da bandarilha, existe um arpão, com quatro centímetros de comprimento, cuja finalidade é perfurar a pele do animal

Embolador

TERMOS PRÓPRIOS DO OFÍCIO

Arpão
› instrumento em ferro pontiagudo, utilizado para perfurar a pele do touro e aguentar o peso do ferro. O arpão tem uma medida estabelecida: 8 cm.

Bandarilhar
› cravar bandarilhas no morrilho de reses bravas, segundo determinadas regras. Até 1750, era proibida a colocação de bandarilhas aos pares, sendo obrigatória a sua colocação, uma a uma.

Bolas
› actualmente, são armações realizadas em metal e couro, de forma cilíndrica, que se colocam nas hastes do touro. São de várias medidas, já que também existem diferentes medidas de hastes.

Despontar
› cortar as extremidades das hastes das reses bravas com um serrote. O corte não deve exceder um diâmetro de 14 a 16 milímetros.

Divisa
› decoração feita em pano, composta por várias fitas coloridas, com as cores do ganadeiro, colocada no cachaço do touro quando este sai para a arena.

Embolar
› proteger as hastes dos touros com bolas, para impedir ou reduzir a perfuração que a cornada provoca.

Lide
› acção conjunta, a pé e a cavalo, cujo objectivo é dominar o touro.

Rojão
› a sua configuração assemelha-se à da farpa, e a sua utilização marcou, no final do século XVI, o início do verdadeiro toureio equestre, já que trouxe consigo uma noção fundamental, a de que o touro apenas pode ser ferido no cachaço.

e aguentar o peso do ferro no morrilho, apesar das suas investidas. No entanto, este sistema não garante qualquer orientação do pau da bandarilha, razão pela qual, muitas vezes, adopta uma posição extremamente perigosa para os forcados, que, por tal motivo, já sofreram diversos acidentes. A bandarilha espanhola, em contrapartida, e segundo afirmam os entendidos, é muito mais segura, já que tem um sistema de mola direccionada. De tal forma, que quando o arpão penetra no touro, a mola faz com que o pau da bandarilha seja projectado para trás, ficando o ferro praticamente deitado sobre o animal. A farpa, por seu lado, que veio substituir o Rojão, significa ferro comprido, e é utilizada apenas no toureio equestre. Tem um comprimento aproximado de 1,45 m, adelgçando a haste de madeira, a cerca de meio metro do arpão, de forma a facilitar a quebra quando é cravada. Tal como a bandarilha, também é enfeitada com papel de cores. Para além das bandarilhas e farpas, existem ainda os denominados “*ferros curtos*”, também utilizados pelos cavaleiros, e que são bandarilhas um pouco mais compridas do que é habitual, com cerca de oitenta centímetros, e os “*ferros de palmo*”, que se obtêm a partir do ferro comprido. Durante o tempo de lide permitido pelo regulamento (dez minutos), o número de ferros utilizados por cada cavaleiro, depende da sua vontade, da forma como lhe correr a lide, e da decisão do director de corrida, que pode ser mais ou menos benevolente. O mais frequente, é utilizarem-se entre dois a três ferros compridos e entre cinco a seis ferros curtos.



Embolador



HISTÓRIA DE VIDA

Gastão Miguéis Jorge
58 anos de idade | Corroios – Lisboa

Há profissões que assentam como uma luva a quem as realiza. Este é o caso de Gastão Jorge, embolador e cortador de carne. É um homem forte, cheio de energia e boa disposição, a quem a vida parece tratar bem. Conheci-o no talho onde trabalha, em Corroios, mas convidou-me logo para sua casa, como se já me conhecesse de longa data. E é de forma espontânea que me conta a sua história, enquanto me serve um cálice de aguardente de bolota. – Tem de provar esta maravilha. É a minha mulher que a faz e não há nada melhor. De copo na mão, acompanho-o até uma pequena garagem onde fábrica as bolas e decora os ferros. O Gastão é alentejano, de Montemor, onde viveu até aos vinte e três anos de idade. Pouco amante da escola, que largou logo depois de concluir a quarta-classe, o primeiro trabalho que teve foi como cortador de carne. – Sempre gostei de matar bichos. Aos doze anos, já estava no matadouro como aprendiz. Ajudava a matar borregos, vacas, porcos e depois vinha com o meu patrão para a fábrica, para desmanchar os corpos e salgar as peles de vaca, que vendíamos para fazer couro. Pergunto-lhe se sabe o motivo de tal paixão. – Não sei, pois na minha família não existe qualquer tradição no ramo. O meu pai, era sapateiro e embolador, e foi quem

Embolador

me transmitiu o gosto pelo mundo dos touros. Ainda hoje, recordo com saudade o tempo em que embolávamos reses juntos.

A primeira, foi aos oito anos em Lavre, com o Simão da Veiga. Tive tal emoção, que ainda me lembro da cor dos ferros: azul e laranja.

Aos vinte anos, teve de abandonar a terra natal, com destino a Moçambique, para cumprir o serviço militar. Foram dois longos anos, dos quais não gostou nada. – Não suporto que me obriguem a fazer coisas que não quero, e naquela altura fui mesmo obrigado a ir para lá.

Quando voltou, para casa dos pais, e para o mesmo talho de sempre, sentiu-se o homem mais feliz. E pouco depois, apaixonou-se. – Quando a vi entrar no talho disse cá para mim: Aquela carinha laroca tem de ser minha!

Quando lhe faleceu a mãe, decidiu procurar melhor sorte na capital, onde tinha um amigo. Mais concretamente, em Corroios. E a verdade, é que rapidamente se adaptou, ainda que nem a distância foi capaz de apagar a paixão que continuava a sentir pela rapariga que tanto o tinha impressionado.

– Naquela altura, ela era costureira, e eu ia visitá-la, sempre que podia. Até que houve um fim-de-semana, que lhe fiz um ultimato. Ou vens comigo agora, ou acabou-se para sempre. E ela veio. Já lá vão trinta e nove anos.

Pergunto-lhe se não tem saudades de Montemor. – Já estou farto de estar longe da minha terra. Não há nada como viver no sítio onde a gente nasceu, e se Deus quiser, ainda hei-de voltar para lá, antes de morrer.

Extremamente religioso, coloca sempre os seus desejos sob a alçada de Deus, deixando nas suas mãos, a decisão última da sua realização, pelo que até na garagem onde trabalha, a imagem da padroeira de Montemor, a Virgem da Visitação, ocupa lugar de destaque.

Peço-lhe que me fale um pouco da sua remuneração enquanto embolador.

- Digo-lhe, sinceramente, se tivesse que viver disto, morria à fome. Actualmente, faço cerca de trinta e duas corridas por ano, e em cada uma recebo duzentos e cinquenta euros, dos quais tenho de pagar os ferros e as bolas que compro. Só as bolas, o preço que têm no mercado, são cento e vinte euros, assim como os ferros, que custam mais ou menos o mesmo, para além do papel, da madeira e tudo o que é necessário para terminar as bolas e decorar as farpas. E isto é agora, porque quando comecei, ainda recebia menos. Davam-me entre dez a quinze contos por corrida, dos quais tinha de pagar tudo. Foi sempre um trabalho muito mal pago. Mas a malta dos touros não anda cá por massa. Não há dinheiro que pague a camaradagem e o que nos divertimos nas corridas. Esquecemo-nos de tudo: das dívidas, das doenças e até de que somos casados!

Encadernador



As Origens da Encadernação

O conceito actual de encadernação, surgiu quando Gregos e Romanos, começaram a fazer uso dos códices, revestindo-os de tecidos e peles, que colocavam entre duas pastas de madeira, munidas de atilhos de couro ou fechos de metal.

No entanto, já existia antes, a necessidade de proteger, diferenciar e valorizar compilações de escritos, de diversos formatos.

Nas suas formas mais primitivas, a escrita era gravada em granito, ardósia, osso, marfim, ou, inclusivamente, sobre argila ou qualquer outro material durável. Tanto quanto se sabe, o material mais antigo, e, flexível a ser usado, foi a folha de palma, sobre a qual se escrevia com um pequeno estilete e tinta.

No antigo Egipto, utilizava-se o papiro, com o qual se formavam folhas duras, que mais tarde, passaram a ser ordenadas e unidas, chegando a formar tiras de vários metros de comprimento, que se enrolavam para facilitar a sua utilização.

Posteriormente, as inovações seguintes na técnica de escrever em rolos, foram a orientação da escrita no sentido do comprimento, permitindo ao leitor, enrolar e desenrolar o papiro durante a leitura, e a divisão da escrita em trechos curtos, formando *páginas*.

Encadernador

Foi exactamente, esta divisão da escrita em blocos, que permitiu dobrar os rolos em páginas, escritas dos dois lados. E, para que estas permanecessem dobradas, e, protegidas de possíveis estragos, foram-lhes aplicadas, mais tarde, pesadas placas em cada um dos extremos. O passo seguinte, foi a costura lateral das dobras, em forma de sanfona, a primeira encadernação, que viria a permitir a conservação dos antigos manuscritos. O método de limpar, e, secar, peles de carneiros e cabras, permitiu a descoberta de outro material, mais flexível que o papiro: o pergaminho, que podia facilmente ser cortado em folhas, e encadernado, acabando, assim, por originar os primeiros cadernos.

Depois, bastou amarrar alguns cadernos juntos, e, ligar as pontas dos fios, para dar origem aos livros, sendo, então, os cadarços extremamente utilizados, como forma de união. No entanto, como as folhas de protecção se estragavam e desprendiam com facilidade, começou a usar-se couro para as cobrir. E quando este se estendeu também à lombada, surgiu o livro totalmente encadernado.

Na Idade Média, no mundo ocidental, a intelectualidade centrava-se nos conventos, local onde os métodos de encadernação tiveram um enorme desenvolvimento, graças à profícua actividade dos monges, que começaram a escrever e encadernar livros em grande escala.

No princípio do século XIII, os livros cobriam-se de imponentes damascos, veludos, e, sedas, bordados a ouro e pedras preciosas, enquanto que para os livros de estudo, as tábuas se cobriam de pesado bezerro natural, sem ser chifrado, com fechos na frente, cabeça e pé.

No século XIV, distinguiram-se os encadernadores espanhóis, que dominavam a técnica herdada dos Árabes, de tingir, perfumar e dourar as peles; de estampar a seco, a ouro e prata, e, de as combinar no mosaico; tendo sabido aplicar ao livro a maravilhosa arte do couro, que floresceu em Barcelona, Sevilha e Córdoba.

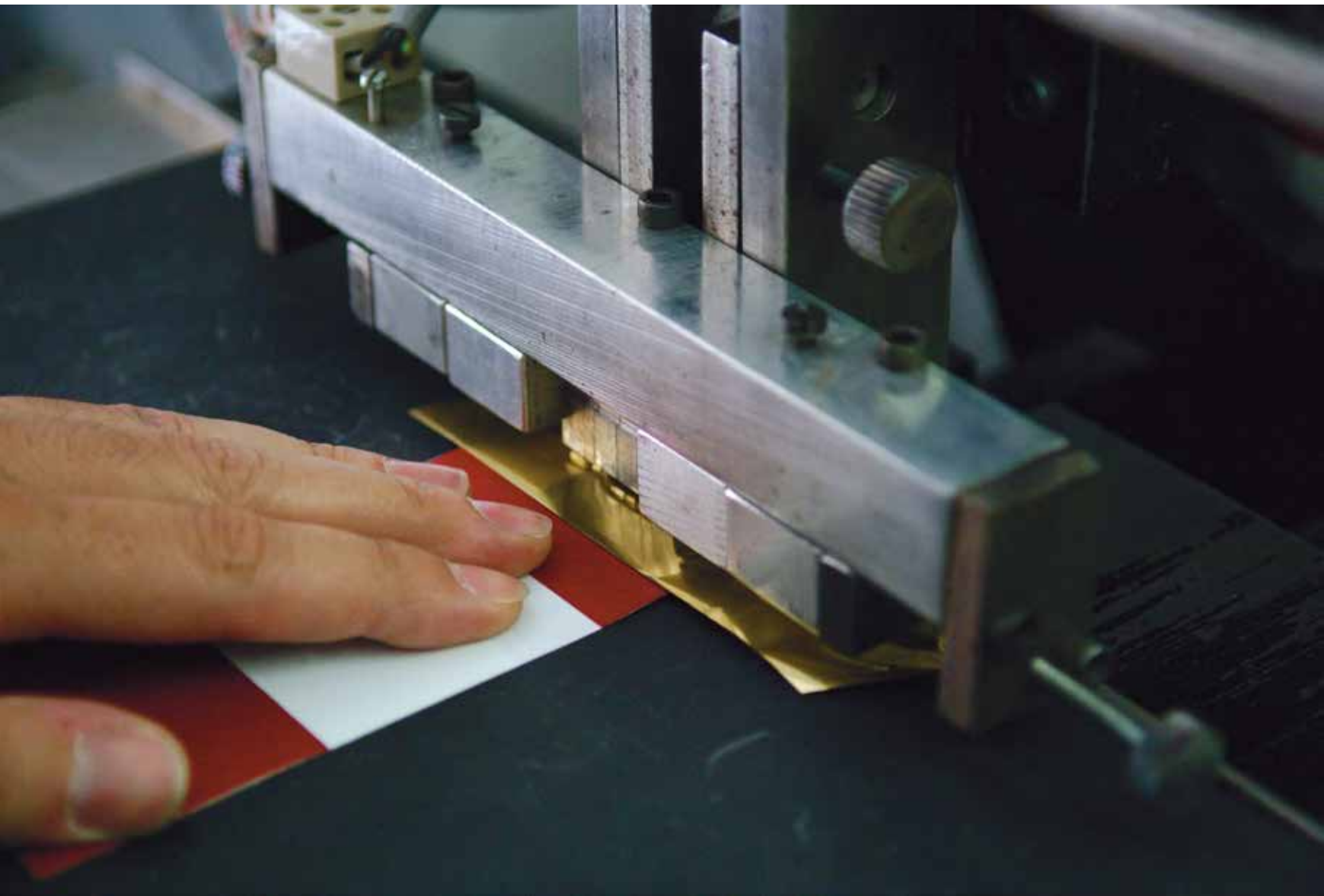
Mais tarde, depois do aparecimento da primeira impressão cadastrada, a empregar tipos móveis, a Bíblia de Guttenberg, completada em 1456, a impressão começou a levar muito menos tempo do que a encadernação, onde tudo continuava a ter de ser feito manualmente. E como tal, disparou a procura de encadernadores, adquirindo alguns, tal fama, que ainda hoje vivem nos anais da história.

Em Itália, por exemplo, no final do século XV, surgiram as encadernações ao gosto do Renascimento, abundantes em dourados e policromias, em que se revelava, a par de novas formas de estilo, uma influência dos modelos bizantino e oriental.

De Veneza, difundiu-se a toda a Europa, o uso do mosaico policromo, e, do marroquim. Criaram-se as encadernações *aldinas*, com as lombadas divididas em compartimentos, e, os cantos ornados de flores e folhas. E, o apaixonado bibliófilo Thomas



Encadernador



Maiolus, levou a arte da encadernação italiana ao apogeu, com os seus fantásticos trabalhos, conhecidos como encadernações *Maioli*.

Em França, destaque para nomes como Jean Grolier (1479-1565), possuidor de uma biblioteca com mais de oito mil volumes, magnificamente encadernados. E, ainda que persista alguma dúvida sobre a autoria destas encadernações, os seus conhecimentos sobre a matéria, e a originalidade dos desenhos não são contestados.

Ainda em França, mas já no século XVII, Gascon, ficou igualmente nos anais da história, com o seu estilo *Fanfarra*, ao introduzir uma nova era nos desenhos de capas de livros, com ornamentos de folhagens, palmas, vasos e espirais.

Em Inglaterra, o desenvolvimento da arte da encadernação parece ter sido tardio, já que a maioria das encadernações inglesas, não passaram de imitações dos trabalhos italianos, que inundavam o mercado inglês da altura.

Já a Alemanha, apresentou alguma originalidade, quer com fantásticas encadernações pintadas, quer com encadernações em couro cinzelado, em relevo, inspirado, possivelmente, nos couros de Córdova.

O século XVIII, foi buscar inspiração às faianças, e, trouxe a novidade das guardas de cetim para as encadernações de luxo. Mas, a partir de meados do século, a perfeição do trabalho começou a decair, devido à rapidez com que tinha de ser realizado. As costuras, passaram a ser feitas sempre com serrotagem, e, só as encadernações litúrgicas conservaram os nervos.

Em pleno Romantismo, as características da encadernação estavam bem definidas. *Meia encadernação*, para os livros comuns, ou, *encadernação inteira*, de marroquim, para as encadernações de luxo. Costura entre nervos. Lombada com nervos longos. Guardas de seda ou couro. Papéis de cores variadas, e, algumas encadernações com mosaicos.

Por outro lado, e, ainda que se continuassem a copiar as encadernações antigas, iniciou-se também a costura sobre fitas, acabando a encadernação, por apresentar durante todo o século, diversas modalidades: o lombo plano, deu lugar ao lombo côncavo, e à frente arredondada, caindo-se no exagero do lombo excessivamente curvo.

Antes da guerra, e, especialmente em França, lutou-se para conferir novo brilhantismo à encadernação, adaptando os velhos mosaicos às linhas modernas, e, multiplicando os cursos de encadernação.

Depois da guerra, segundo Jorge Peixoto⁽³⁴⁾, devido ao elevado número de órfãos, foi necessária a criação de diversos orfanatos no centro da Europa. E como medida económica, ainda que no início sem carácter pedagógico, tiveram tais orfanatos, a necessidade de aproveitar o trabalho dos seus internados, passando a encadernação a fazer parte dos trabalhos manuais, de carácter utilitário.



(34) PEIXOTO, Jorge, *Arquivos do Centro C. Português*, Vol.II, Fundação Calouste Gulbenkian, Paris, 1970.

Encadernador



TERMOS PRÓPRIOS DO OFÍCIO

Aparar
› cortar as folhas da encadernação na dimensão desejada.

Balancé
› máquina utilizada para dourar as letras que se inserem na capa.

Chifrar
› desbastar a carneira com chifra.

Cisalha
› tesoura mecânica para cortar cartão.

Encadernação à espanhola
› encadernação onde as folhas são seguras só com corda e cola, sem serem cosidas com linha.

Guardas
› folhas de protecção, que se colocam no início, e, no final da encadernação.

Guilhotina
› máquina utilizada para aparar as folhas das encadernações.

Serrotar
› serrar as folhas, para permitir a passagem da corda que dá consistência à encadernação.

Zinco-gravuras
› chapas em zinco, utilizadas para efectuar as gravações nas capas.

Mais tarde, e graças ao empenho e visão de alguns ilustres pedagogos, a encadernação, passou a fazer parte integrante de uma disciplina considerada essencial, tanto no ensino primário como secundário. E foi a partir desta altura, que a encadernação se aproximou cada vez mais, de uma actividade de tendência nitidamente comercial, com o cliente a impor a sua vontade.

A Encadernação em Portugal

Sabemos da importância que os livreiros portugueses tiveram ao longo da história, sobretudo, a partir do século XV, altura em que já existiam lojas de livreiros, na melhor artéria da capital, a Rua Nova, onde se vendiam unicamente artigos valiosos, para os mais abastados. É aliás, de meados do século XV, o livreiro-encadernador-editor, que ficou assinalado em letras de ouro na história dos livreiros portugueses. Salvador Martel, livreiro-encadernador do Príncipe D. João, cujo prestígio conseguiu que a rainha D. Catarina, tomasse sob sua protecção uma nova capela, em honra de Santa Catarina, na qual acabaria por se instalar a Irmandade dos Livreiros. A demonstrar a importância que o ofício detinha, basta referir que estavam agrupados na Casa dos Vinte e Quatro, com outros ofícios, na bandeira de S. Miguel, e, que a Corporação dos Livreiros teve o seu Regimento, na reforma dos *Regimentos dos Oficiais Mecânicos*, por Duarte Nunes de Leão, em 1572, com as indicações e itens do exame a que estes estavam sujeitos. A Irmandade dos Livreiros, tinha regalias especiais. De facto, as encadernações gozavam de tal importância, que as *Ordenações do Reino*, reformadas pelo primeiro Filipe, mandavam que os escrivães do crime, tivessem o seu livro encadernado, e determinavam ao Guarda Mor da Torre do Tombo, que fosse reunindo em livro, as sentenças executadas, recebidas da mão do Escrivão dos feitos de El-Rei, devendo depois encaderná-lo, logo que estivesse terminado. No século XVII, o livro ainda era um artigo de luxo. De tal forma, que era prática, entre os livreiros da Rua Nova, alugarem livros aos estudantes. Algo, aliás, que já em 1256, D. Afonso X de Leão e Castela, havia previsto, determinando que em cada universidade, houvesse um livreiro para alugar livros aos estudantes. No século XVIII, Lisboa, já contava com uma *Rua dos Livreiros*, onde hoje fica a rua do Arco da Graça, mas depois da reconstrução da cidade, o *Plano*, assinado pelo Conde de Oeiras, que pertencia à Irmandade de Santa Catarina dos Livreiros, mandou





acomodar, na Rua Bela da Rainha, os livreiros, que antes do terremoto, tivessem estabelecimentos na Rua Nova. Entre 1658 e 1734, surgiu no panorama das letras, uma obra, que apesar de incompleta, demonstrou bem a importância que as artes mecânicas tinham para os intelectuais. A *Arte do Livreiro*, escrita pelo Padre D. Manuel Caetano de Sousa, figura de relevo na Academia Real de História, era como um tratado do ofício. Ainda no século XVIII, especialmente com D. João V, a encadernação atingiu um alto valor artístico, criando-se exemplares admiráveis, que demonstravam de forma brilhante, o domínio da arte por parte dos nossos artistas. Mas em meados do século XIX, começou a decadência da nossa encadernação, quando a extinção das corporações, fez com que as artes perdessem a técnica e brio profissional, que haviam permitido criar tantas obras-primas. Os livreiros, passaram a não ter exame. Deixaram de ser fiscalizados. E como tal, todos puderam considerar-se artistas, mesmo que o não fossem. Por outro lado, as lutas políticas, a ruína económica, e, a necessidade de tornar o livro cada vez mais barato, levaram à decadência da encadernação artística, que cedeu o seu lugar à encadernação funcional. Em 1928, foram aprovados os primeiros estatutos da *Associação de Livreiros*, ficando assim definitivamente separada a indústria do livreiro, da arte do encadernador. Actualmente, e apesar de ainda contarmos com profissionais de grande mérito, que honram a sua arte, nem sempre existe por parte do público, disposição para pagar o seu esforço e trabalho.



HISTÓRIA DE VIDA

Carlos Alberto Guerreiro

37 anos de idade | Lisboa

Quando vemos o Carlos trabalhar, ficamos com a certeza de que está na profissão certa. Extremamente metódico, acaricia as folhas como se de uma mulher se tratasse. Passa docemente a cola no lombo, como se tivesse medo de o ferir. Cose à mão, sem pressas, pois a rapidez é inimiga da perfeição. E é neste ritmo pausado, que recupera obras deterioradas pelo tempo, embeleza, e, protege outras, quiçá, mais valiosas. Sempre com o mesmo carinho. Como se estivesse a tratar seres vivos, que necessitam a sua ajuda, para se eternizarem... A sua vida tem sido dedicada à encadernação. Aliás, gosta tanto do que faz, que por vezes, até tem pena de entregar o trabalho aos clientes. - É como um filho que se faz, e, se aguarda lentamente. Quando nasce, é a melhor coisa do mundo. De facto, encadernar um livro com arte é muito demorado. O processo, inclui, tirar agrafos, ordenar as folhas, serrotá-las, inserir corda, coser à máquina com linha, coser à mão para maior resistência, passar cola no lombo, colar as guardas, aparar as folhas, cortar os cartões para a capa, forrá-los e inserir as letras desejadas. E tudo tem de ser feito, com a maior paciência do mundo, pois, caso contrário, pode ser necessário voltar atrás, e, começar do início. Há quase vinte anos, que o Carlos se dedica a este trabalho, ainda que o seu encontro com o ofício tenha sido por mero acaso. Tinha dezassete anos, quando deixou de estudar e decidiu procurar emprego.

Encadernador

Havia terminado o antigo nono ano, e, sentia um desejo enorme de ganhar o seu próprio dinheiro. Nem foi necessário procurar muito. Perto de sua casa, havia um encadernador, um senhor já velhote, que necessitava ajuda. Foi assim, que aprendeu o ofício. E, viu logo que tinha jeito. Gostava do que fazia, e, o que fazia era bem feito. Na altura, ganhava cinco contos por semana, pelo que adorava os meses com cinco semanas, em que ganhava mais. Depois, o mestre faleceu, e, ele, acabou por se instalar por conta própria. Uma decisão acertada, já que o negócio prosperava, chegando a fazer mais de cinquenta encadernações por mês, entre pedidos de escolas e cartórios.

No entanto, nos últimos anos, a procura desceu bastante. De tal forma, que segundo nos conta, tem de gerir tudo muito bem, para poder tirar um ordenado. - Num mês bom de trabalho, posso ganhar entre mil a mil e duzentos euros, dos quais, tenho de pagar o aluguer do espaço, fazer os meus descontos e comprar o material necessário para as encadernações. Se fizer bem as contas, o que me sobra, é bem pouco. De qualquer forma, como vivo com a minha mãe, não tenho grandes gastos, e, prefiro ganhar menos, mas fazer o que gosto, do que ganhar mais e viver infeliz.

Faroleiro



A História dos Faróis

A necessidade de referências, que mostrassem aos marinheiros a posição onde se encontravam, nasceu com a própria prática de navegar. Fenícios, Gregos, Árabes, Chineses e Japoneses, encontraram, desde cedo, meios, ainda que precários e rudimentares, para tornar menos arriscadas as suas travessias.

Os fogos ou *luzeiros*, permanentes ou não, colocados no cimo de torres, ou em pontos elevados, junto à costa, parecem ter sido adoptados, assim que o homem começou a navegar, a afastar-se da costa, e a necessitar uma indicação dos locais que devia reconhecer.

Um dos fogos mais antigos, de que existe memória, é o que existia na ilha de Pharos, sobre uma torre de cento e trinta e cinco metros de altura, mandado erguer por Ptolomeu Filadelfo, cerca de trezentos anos antes de Cristo.

Terá sido, graças às notícias sobre esta torre, que a palavra farol acabou por entrar na linguagem, designando uma luz de auxílio à navegação.

Segundo se afirma, foram os Fenícios que difundiram esta invenção, fazendo com que se erguessem, com o mesmo fim, várias torres nas costas da terra ocidental. Contudo, o mais antigo farol, ainda em funcionamento, é de origem romana: a torre de

Faroleiro



Hércules, construída no século II, na Corunha, pelo arquitecto Caius Saeivius Lupus, abandonada na Idade Média, mas reconstruída no final do século XVIII. Entre os séculos XII e XV, construíram-se alguns faróis, ainda que em número reduzido, sendo fácil imaginar, longas e escuras noites no mar, naves perdidas em águas infinitas, algumas despedaçadas, contra obstáculos, por falta de sinais que lhes indicassem a linha da costa ou o perigo dos recifes, entre outros. Segundo descrição da época, os clarões conseguiam-se, quer através de enormes labaredas, de fogos de lenha resinosa, carvão de pedra, ou, alcatrão inflamado, em caldeirões de ferro, quer através de chamas de grandes archotes de resina, enormes mechas ou torcidas imersas em azeite ou sebo, que ardiam ao ar livre, e que como tal, tinham o inconveniente de se apagarem quando eram fortemente açoutadas pelo vento, ou pela chuva. Ao longo do século XVII, e, apesar do desenvolvimento da navegação, a farolagem conheceu poucos progressos. Os mares continuaram tenebrosos, e, o êxito das viagens, dependia, em grande parte, da sorte, da meteorologia, e, dos bons ventos. O primeiro exemplo do farol moderno, que ficou conhecido como o *rei dos faróis*, foi exibido em França, autoria do arquitecto Louis de Foix, que desde 1574, vinha apresentando às autoridades, o projecto de substituição da velha torre, existente no estuário do Garona, por uma obra digna da importância que o porto de Bordéus tinha conquistado no comércio internacional. Posteriormente, a necessidade de aumentar o alcance dos faróis, tornando a operação mais fácil e económica, fez com que se substituissem as grandes chamas por pequenos candeeiros, associados a aparelhos ópticos. Foi em 1780, que o físico suíço Ami Argand, inventou o candeeiro de dupla corrente de ar, e, chama protegida por chaminé de vidro, que veio a ser aplicado aos faróis um pouco mais tarde. Quanto aos aparelhos ópticos, estes, eram no início simples reflectores metálicos polidos, passando mais tarde a reflectores parabólicos espelhados, e, finalmente, a lentes de vidro. No final do século XVIII, os faróis começaram a estar equipados com grandes candeeiros, associados a reflectores parabólicos, que funcionavam a azeite, enquanto um mecanismo de relojoaria, proporcionava movimento rotativo a estes dispositivos, conferindo aos faróis os seus característicos relâmpagos. De facto, o século XVIII, marcou o final da época empírica dos faróis, e, a entrada na era das luzes, ainda que tenha sido apenas no século seguinte, graças aos aperfeiçoamentos tecnológicos no fabrico das ópticas, que a farolagem entrou no campo das ciências.



Faroleiro



A partir de 1824, Augustin Fresnel, apresentou diversos modelos de aparelhos ópticos lenticulares de vidro, que utilizando uma única fonte luminosa, proporcionavam um rendimento superior ao dos anteriores sistemas.

Na segunda metade do século XIX, com a descoberta do petróleo, iniciou-se a transição para este novo tipo de combustível, primeiro em antigos candeeiros de azeite, e, mais tarde, em candeeiros de nível constante, até ao aparecimento da incandescência pelo vapor de petróleo, no início do século XX.

Quase ao mesmo tempo que o petróleo, apareceu também o gás acetileno, cuja utilização marcou a evolução da sinalização marítima, já que, pela primeira vez, se dispôs de uma energia portátil e duradoura.

Entretanto, os desenvolvimentos conseguidos nos eclipsores, permitiram regular o acender e o apagar da luz, poupando assim muito gás, tal como as válvulas solares, com as quais era possível apagar automaticamente a luz, ao nascer do dia, e, acendê-la, no início da noite.

A electricidade, também começou a ser testada nos faróis, a partir da descoberta, em 1853, do gerador eléctrico movido por máquinas de vapor, do professor Holmes, ainda que o seu uso só se tenha generalizado a partir de inícios do século XX.

Já nos anos oitenta, com o desenvolvimento das baterias e painéis solares, iniciou-se a substituição dos sistemas de gás por sistemas solares, tendo, posteriormente, os progressos da electricidade e da electrónica, melhorado radicalmente a operacionalidade dos faróis.

A partir da descoberta de Marconi, os radiofaróis desempenharam uma função de ajuda à navegação, muito importante, permitindo uma localização extremamente exacta. Aliás, a sua importância, só foi ultrapassada com os radares, e, a navegação por satélite, na medida em que esta última veio permitir, não só uma cobertura mundial, como uma elevada precisão.



Faroleiro



Faróis de Portugal

As primeiras luzes a serem instaladas em terra, segundo consta, foram constituídas por fogueiras, que as confrarias de marítimos mantinham em pontos elevados sobre o mar. Herdeiros desta tradição, vieram a ser os frades, já que a localização de vários conventos, fazia com que fossem locais privilegiados para a colocação daquelas fogueiras. Foi assim, que nasceu o primeiro farol português, durante o reinado de D. Manuel, quando o bispo de Silves, D. Fernando Coutinho, compadecido da necessidade de sinalização por parte dos navegantes, o mandou acender na torre do convento de S. Francisco, no Cabo de S. Vicente.

Só que, quando se acende uma luz, esta alumia a todos por igual, pelo que o farol acabou por atrair também os piratas. E como tal, D. João III, tentando evitar futuros ataques, mandou fortificar o convento, dotando-o de outra torre mais consistente, e, chegou a enviar para o local uma pequena guarnição. Infelizmente, o reforço não foi suficiente para impedir a investida do temível Francis Drake, que em 1587, reduziu os edifícios a ruínas.

No entanto, o mais velho farol mandado construir, segundo João Francisco Vilhena⁽³⁵⁾, data de 1528, e, situava-se na barra do rio Douro, à entrada do Porto. Foi mandado edificar por D. Miguel da Silva, um bispo que foi embaixador na corte pontificia de Leão X e Clemente VII, durante os reinados de D. Manuel e D. João III. Na época, para além da precariedade dos fogos existentes, que se apagavam facilmente, e, da fraca referência que representavam em dias de nevoeiro, havia também o problema de que qualquer pessoa, mal intencionada, podia acender fogueiras onde quisesse, atraindo barcos a costas inóspitas.

Afundadores, era como então se denominavam os que criavam falsos faróis, com o intuito de atrair navios para zonas perigosas, a fim de os despojar como melhor lhes aprouvesse. Uma prática, que apesar de ser frequente na Idade Média, se prolongou, ainda, durante alguns séculos mais, já que, durante a época dos descobrimentos, não se verificaram grandes melhorias na sinalização marítima.

E foi devido, à preocupação das autoridades, com os possíveis, aliás, frequentes, encontros de naus, carregadas de riquezas de África e Oriente, com os corsários, que o progresso tomou novas direcções.

Por outro lado, e perante a sucessão de desastres ocorridos ao longo das nossas costas, sentiu-se necessidade de criar faróis nos pontos mais vulneráveis, com o fim de servir de guia aos navegantes, ajudando-os a desviarem-se oportunamente.

(35) VILHENA, João Francisco; LOURO, Maria Regina, *Faróis de Portugal*, Gradiva, Lisboa, 1995.





TERMOS PRÓPRIOS DO OFÍCIO

Aparelho lenticular
› assim se denomina o aparelho iluminante.

Clarão
› jacto de luz produzido pelo aparelho iluminante.

Cuba
› suporte do aparelho lenticular, onde este assenta, e que contém mercúrio para ajudar a suportar o seu enorme peso.

Farol
› torre ou qualquer elevação, no topo da qual se coloca uma luz que serve de ajuda à navegação. O farol inclui: o aparelho luminoso e o edifício, que pode ser construído em alvenaria ou ferro.

Lanterna
› designa o aparelho luminoso, e por extensão, a própria murette cilíndrica, onde o mesmo se encontra, e que fica situada na parte superior da torre. No Verão, e durante o dia, as janelas da murette têm de ter as cortinas corridas, para impedir que o sol se reflecta no cristal do aparelho iluminante, e que origine incêndios.

Luzes de enfiamento
› duas ou mais luzes associadas, de modo a definir um enfiamento a seguir.

Foi assim, que em 1758, sob o reinado de D. José, as luzes penetraram no nosso país sob influência dos estrangeirados, mandando o Marquês de Pombal edificar seis novos faróis, para além de determinar, por alvará, que todos os existentes passassem a ser uma organização oficial.

Em 1761, surgiram os primeiros faróis estatais: o de Nossa Senhora da Luz, a norte da barra do Porto, e, o de Nossa Senhora da Guia, a oeste de Cascais. E logo no ano seguinte, foi implantado de raiz, um farol no Cabo da Roca, a assinalar o extremo ocidental do continente europeu, um lugar onde era frequente, os barcos embaterem contra as escuras falésias.

Estava assim protegido o acesso à retaguarda de Lisboa, palco do mais importante tráfico portuário e lugar de confluência de ilustres visitantes, atraídos pela facilidade dos negócios que aqui florescia

O farol de S. Julião da Barra, foi mandado erguer no velho forte de origem quinhentista, que havia sido construído para defender a entrada do Tejo, pelo Marquês de Pombal, em 1775, iluminando assim a passagem dos mareantes até à barra.

Logo a seguir a Lisboa e Porto, o cais mais procurado pela navegação comercial, era o de Setúbal, por causa do precioso sal extraído das marinas do Sado. E como tal, ainda no mesmo ano, o acesso ao seu estuário foi também iluminado pelo farol da Arrábida. A partir de então, novas luzes marítimas se acenderam, ainda que o ímpeto, rapidamente se tenha extinguido. De tal forma, que cem anos após a promulgação do alvará pombalino, existiam no nosso país apenas doze faróis, incluindo os da Berlenga, Cabo de S. Vicente, Cabo de Santa Maria e Cabo Mondego. Por outro lado, devido ao tipo de construção dos antigos faróis, estes já se encontravam obsoletos, não se avistando, na maioria das vezes, a mais de duas milhas de distância, ou, confundiam-se com alguma outra luz da terra ou do mar. E esta realidade, que permitiu vários naufrágios, fez com que a nossa costa passasse a ser conhecida como a *costa negra*.

Esta situação de estagnação, manteve-se até à transferência definitiva da administração dos faróis para a Marinha, quase no final do século XIX. Contudo, graças ao desenvolvimento do porto de Lisboa, e, à criação do porto artificial de Leixões, o tráfego sofreu um enorme acréscimo, obrigando a situação da sinalização marítima a evoluir, e, a respeitar as normas exigidas, ainda que as brechas continuassem a persistir.

A Sociedade de Geografia, por exemplo, fundada em 1875, apresentou ao governo várias petições, no sentido de que o serviço de farolagem se tornasse mais completo e eficiente.



No entanto, só a partir de 1881, altura em que foi criada a Comissão de Faróis e Balizas, o país começou a contar, finalmente, com um plano geral de alumiamento e balizagem das costas, portos e barras.

Já sob gestão da Marinha, foram sucessivamente edificados novos faróis, e, reformados outros já existentes. Basta dizer, que entre 1908 e 1927, se construíram dezasseis faróis no continente e ilhas adjacentes, concluindo-se o plano de iluminação do continente, ainda que ficasse por terminar a farolização dos arquipélagos. A partir de então, o progresso da farolagem começou a ser uma constante: acabou-se com a escuridão das nossas costas e ilhas, a luz que a substituiu ficou cada vez mais potente e eficaz, e, os aparelhos ópticos passaram por diversos aperfeiçoamentos. Mas infelizmente, devido à onerosidade das infra-estruturas técnicas necessárias, o entusiasmo acabou por esmorecer, passando os faróis, a partir de 1880, a usar petróleo, em vez de electricidade.

Aliás, a época áurea da electrificação, através de geradores, ou por ligação à rede pública, só chegou em meados do século XX, século em que foi também inaugurado, nos anos setenta, o programa de automatização dos faróis, ainda que este continue a carecer de plena maturidade.

Faroleiro



HISTÓRIA DE VIDA

João Amaral

53 anos de idade | Cabo da Roca

O João, nasceu na ilha do Faial, nos Açores, de onde saiu aos onze anos, com os pais, para ir para Moçambique, onde passou a adolescência. Aos dezoito anos, depois de concluir o antigo quinto ano dos liceus, o desejo de aventura fê-lo embarcar, com um amigo, rumo a Lisboa, onde ingressou na Marinha.

Os primeiros anos no mar, foram de enjoos permanentes, já que nas rotas que fez, chegou a apanhar ondas de mais de dez metros de altura. Ainda hoje, se recorda das frequentes viagens aos Açores, para transporte de mantimentos e combustível, onde por vezes, a ondulação era tal, que chegavam a perder mais de metade da carga.

Passou vários dias só a chá e bolachas, e, mesmo assim, por vezes, bastava dar um golo para começar logo a vomitar. O mar era tão revoltoso, que chegavam a ter de amarrar-se, aos beliches, para poderem prosseguir viagem.

Segundo nos conta, a alimentação era extremamente difícil a bordo. Não só, porque a maioria dos marinheiros enjoava, mas também por uma questão de equilíbrio dos pratos, que só se mantinham em cima da mesa com uma bolinha de pão a servir de travão. Uma técnica, que todos aprendiam rapidamente, já que com o estômago vazio, o enjoo ainda era maior.

A habituação ao mar, era extremamente lenta e dolorosa, e nem todos aguentaram. O João foi resistente, mas ao fim de dez anos, quis tentar outras experiências, e quando abriu concurso para faroleiro, não pensou duas vezes.

O farol do Cabo da Roca foi o seu primeiro destino, seguindo-se o Cabo de Santa Maria, Peniche e Berlenga, este último onde gostou muito de estar, pela tranquilidade do lugar.



Em Peniche, ajudou a salvar os tripulantes de um cargueiro, que devido à forte ondulação, foi empurrado para a costa, navegando perigosamente perto das rochas, sem que a tripulação, se apercebesse. Só que ele, estava atento, e, ligou a sirene de emergência para a alertar.

Leça da Palmeira, foi outra paragem, seguida do Cabo Carvoeiro, e de novo o Cabo da Roca, onde espera ficar apenas quatro ou cinco anos, já que a extrema humidade, e, frio do local, são prejudiciais aos seus problemas ósseos.

O João, convida-nos a conhecer o farol, e fala-nos das suas tarefas diárias. - Actualmente, o que fazemos não tem nada a ver com há vinte ou trinta anos atrás. Antigamente, tínhamos de estar sempre atentos, subindo várias vezes as escadas até ao topo. Aqui, neste farol, até se chegou a fabricar o gás das bóias de sinalização. Mas agora, as novas tecnologias tomaram conta de tudo, e, nós, só temos de ir lá acima para trocar alguma lâmpada. E, mesmo assim, existe um sistema automático. De resto, passamos os dias a controlar as condições atmosféricas, a tratar da limpeza do edifício, e, a fazer alguma reparação.

Aliás, não deve ser por acaso, que os faroleiros têm fama de habilidosos, com jeito para quase tudo: electricistas, pedreiros, mecânicos, pintores, agricultores, pescadores, relojoeiros... várias ocupações, que nem por isso mitigam a monotonia do seu quotidiano.

E talvez seja por isso, que o João fale com nostalgia do passado. Sobretudo, da vida familiar. - Ainda me lembro das famílias que viviam na casa ao lado do farol. Chegámos a viver aqui seis famílias, durante todo o ano, e só saíamos nas férias, para ir à terra. Mas agora, como as mulheres também trabalham, não nos podem acompanhar pelo país fora, e, por isso, a solidão acaba por ser ainda maior.

Ferrador



A História da Ferração

O facto do homem primitivo ser nómada, fez com que, rapidamente, sentisse necessidade de recorrer ao auxílio de animais, quer para a sua locomoção, quer para o transporte de substâncias várias.

Entre os animais utilizados para este fim, o cavalo foi o preferido, porque, desde a sua domesticação, as distâncias passaram a ser menores, tornando-se no meio de transporte mais fácil, tanto para passageiros, como para mercadorias. O comércio e a indústria alargaram-se notavelmente, a arte militar descobriu um novo meio de derrubar o inimigo, e a agricultura, encontrou nele uma ajuda importante.

Contudo, quanto mais o homem quis aumentar a distância percorrida, mais o cavalo demonstrou incapacidade física para corresponder a tal exigência, já que após longas caminhadas, ao gastar a sola do casco, atingia os tecidos vivos, ou, a sua proximidade, e, tornava-se inapto para continuar a marcha.

No início, a tendência não foi proteger o casco, mas sim utilizar determinados processos, capazes de aumentar a sua resistência ao desgaste. Aconselhava-se, por exemplo, manter os pés dos cavalos sobre calhaus rolados, para que os animais se habituassem, assim, a pisar terreno pedregoso, tornando o casco mais resistente, e, fortalecendo a ranilha.

Ferreiro



O primeiro tipo de calçado, aplicado por Gregos e Romanos, aos pés dos cavalos, foi feito de esparto, que era amarrado por meio de correias ao travadouro. Contudo, devido ao seu aperto, produziam diversas moléstias e lesões. Depois, este tipo de calçado passou a ser de couro, tendo algumas destas protecções, inclusivamente, peças metálicas para lhes aumentar a durabilidade. Segundo documentos da época, o imperador Nero, por exemplo, chegou a mandar que as peças metálicas, aplicadas nos cavalos do seu serviço, fossem de prata, e de ouro, nos cavalos de sua esposa. A origem da ferradura, presa ao casco, através de cravos, é alvo de alguma controvérsia, defendendo, alguns autores, que esta se deve aos Celtas Gauleses, enquanto outros, afirmam, ter surgido na Ásia, sendo depois importada para o norte de Itália, com as invasões Árabes. Independentemente da origem, o que se sabe, é que os Romanos só começaram a aplicar ferraduras com cravos, cerca do terceiro século depois de Cristo, sendo, então, as ferraduras utilizadas extremamente toscas, assim como o processo de ferração. Na Idade Média, devido ao feudalismo, a cavalaria teve um incremento extraordinário, incluída a arte da ferração, generalizando-se o uso das ferraduras, e aperfeiçoando-se os processos de ferrar, que passaram a respeitar exigências higiénicas e de serviço. Os primeiros escritos sobre veterinária, que tratam da questão da ferração e ferraduras de cavalos, surgiram na Idade Moderna, datando o primeiro trabalho dedicado ao tema, de 1537, de autoria de um italiano. A partir de então, a siderotecnia, a arte de forjar ferraduras e aplicá-las ao casco, teve um enorme desenvolvimento, não só, com a publicação de diversas obras, em vários países, como também, com a invenção do podómetro, um instrumento que permitiu fabricar ferraduras em medidas exactas. Os ferradores, passaram a ser considerados como determinantes para o desempenho do cavalo, e, as ferraduras foram aperfeiçoadas, de forma a melhor se adaptarem ao casco. Mais recentemente, nos Estados Unidos, Gene Ovniczek e Ric Redden, ao estudarem o equilíbrio dos cascos em cavalos selvagens, chegaram a uma nova técnica de ferração, denominada *four point trim*, ou corte dos quatro pontos, que estabelece dois pontos à frente do casco (visto pela palma), ladeando a pinça, e outros dois por cima dos talões, ladeando a ranilha. Pontos considerados importantes, porque funcionam como pilares, suportando todo o peso do animal, quer este esteja em repouso, quer em actividade. A técnica, é sem dúvida revolucionária, mas a sua aplicação não reúne consenso por parte de veterinários, ferradores e donos de cavalos, na medida em que existem, ainda, dúvidas sobre as suas vantagens e inconvenientes. E, enquanto alguns defendem a sua prática incondicional, outros advogam a sua utilização com moderação, e, apenas nos casos em que o veterinário ou o ferrador considerem conveniente.





A Ferração em Portugal

O ofício de ferrador, constava na Colecção de Regimentos dada pelo Senado Municipal, em 1572, e, gozou de grande importância, especialmente, no mundo rural, já que a nossa agricultura dependeu da tracção animal, para grande parte das tarefas, quase até meados do século XX.

A profissão, aparece referida em várias fontes consultadas, ainda que fosse baixo o número de efectivos com a designação de ferrador, algo que se pode explicar, talvez, pelo facto de estes, acumularem, muitas vezes, a função com a de ferreiro, ou, até mesmo, e segundo Leite de Vasconcelos⁽³⁶⁾, com a de veterinário (sem habilitações) ou sangrador.

Em Évora, o ofício aparece referido na Chancelaria de D. Dinis, em 1287, e, no século XVI, há constância de que existiam nesta cidade, ferradores, donos de escravos, a quem ensinavam o respectivo ofício.

No século XVIII, os ferradores representavam dois por cento do conjunto dos artesãos, e, no século XIX, quatro por cento, o que pode indicar, talvez, um aumento do uso de animais de tracção na agricultura.

Também como empregados de lavoura, os ferradores constam dos livros de várias casas agrícolas, quer como trabalhadores contratados ao ano, quer como trabalhadores eventuais.

A primeira obra publicada, entre nós, sobre ferraduras e ferração, data de 1869, de autoria de João Pedro Correia, um veterinário do Instituto Geral de Agricultura de Lisboa. Posteriormente, foram publicadas outras obras, a maioria, de autoria de veterinários, já que foram exactamente as Escolas Superiores de Medicina Veterinária, as que se encarregaram de melhorar a qualidade da ferração, proporcionando aos profissionais, conhecimentos relativos à anatomia geral do cavalo, à anatomia do pé, e, aos defeitos de aprumo.



(36) VASCONCELOS, José Leite de, *Etnografia Portuguesa*, Imprensa Nacional, Lisboa, 1933.

Ferreiro



Ferreiro

As Funções das Ferraduras

As ferraduras, que antigamente eram igualmente designadas por cornozêlos ou ferraças, são chapas, normalmente, de ferro, cujo objectivo é revestir a superfície plantar do casco de alguns animais, de forma a evitar o desgaste do mesmo, corrigir defeitos de aprumo, e, remediar, em maior ou menor medida, algumas enfermidades dos membros locomotores.

Em Portugal, na zona rural, foi prática corrente a utilização de bois na agricultura, pelo que havia a necessidade de os ferrar também, ainda que as ferraduras empregues fossem diferentes das dos cavalos, logicamente, porque o pesunho bovino, ainda que se pareça com o casco dos solípedes, é fendido ao meio.

Em relação às ferraduras utilizadas na ferração de cavalos, existem diferentes tipos, segundo a função a que se destinam: *ferraduras higiénicas*, para protecção do casco e dos aprumos, *ferraduras correctivas*, para corrigir algum defeito do casco ou dos aprumos, e *ferraduras patológicas*, para tratamento de algumas doenças.

Independentemente desta classificação, as ferraduras, têm também formatos diferentes, segundo o pé em que se colocam. Assim, as dianteiras (para as mãos) são diferentes das traseiras (para os pés), tal como as que se aplicam do lado direito, são diferentes das aplicadas no lado esquerdo.

E tal como as ferraduras, também os cravos utilizados para as fixar ao casco, são de diferentes tipos, devendo o ferrador escolher os que melhor se adequem ao animal que vai ferrar.

Os tipos de ferração, variam igualmente, segundo os instrumentos e procedimentos utilizados, para além da temperatura da ferradura no momento da colocação, que pode ser fria ou quente. O Manual do Ferrador, de José Alves Simões, indica que, na *ferração a quente*, o ferrador deve aplicar a ferradura quente sobre a superfície plantar do pé, observando-a por todos os lados, para se certificar das suas dimensões, retirá-la e aparar imediatamente as partes queimadas.

Este método, que caiu bastante em desuso, com o aperfeiçoamento e evolução das próprias ferraduras, permitia regular a ferradura mais facilmente, e, amaciava a substância córnea, facilitando o seu corte. No entanto, tinha a grande desvantagem de poder queimar a palma, a parte interior do casco, para além de assustar facilmente os animais, devido ao desprendimento de fumo. Pelo contrário, na *ferração a frio*, tal como o nome indica, a ferradura é ajustada sem experimentar qualquer grau de calor. Finalmente, encontramos também diferenças nos métodos de ferrar, de país para país, atendendo à natureza dos cascos, ao próprio terreno, e até à utilização que o homem faz do cavalo.

TERMOS PRÓPRIOS DO OFÍCIO

Aprumos
› direcção natural que os membros do cavalo devem ter, para que o corpo seja sustentado da melhor forma possível.

Arpão
› espigão da ferradura para encaixe da mesma.

Arrebito
› cravo com a ponta revirada.

Arrebitar os cravos
› revirar a ponta dos cravos que saem lateralmente do casco.

Casco
› unha dos solípedes e ruminantes.

Cravos
› pregos próprios para cravar nas ferraduras.

Ferrador
› indivíduo que tem o ofício de pôr ferraduras nos animais. Antigamente, era habitual que o ferrador fabricasse também, na sua forja, as ferraduras que necessitava para ferrar cavalos, mulas ou bois de trabalho.

Ferrar
› acto de pregar com cravos a ferradura no casco do animal. Consiste em desferrar, aparar o casco, ajustar e cravejar a ferradura.

Formão
› utensílio, constituído por uma lâmina rectangular, com gume num dos topos e cabo no outro, utilizado para cortar o casco.

Grosa
› lima grossa.

Palma
› parte inferior do casco que assenta sobre a ferradura, ou, sobre o terreno.

Ranilha
› também denominada arnilha: formação saliente, mole, na planta do pé do cavalo.



HISTÓRIA DE VIDA

Frederico Monteiro

Albufeira | 82 anos de idade

O mestre Frederico, é um dos homens mais conhecidos de Albufeira. A sua oficina de ferrador, fica bem no centro, numa das ruas mais turísticas e frequentadas da cidade, onde passou quase toda a sua vida, a ferrar cavalos, seguindo assim a tradição familiar, pois já seu avô era ferrador de grande saber.

O ofício, aprendeu-o com o pai, que para além de ferrar cavalos, mulas, burros e bois, quando estes ainda eram utilizados na agricultura, era também ferreiro, talhando as próprias ferraduras, e até algumas das ferramentas que utilizava.

Aos doze anos, aventurou-se a ferrar animais, e, desde então, já ferrou tantos, que lhes perdeu a conta. Aos dezoito, fez o exame de ferrador, prestando provas do seu saber nos métodos de ferração de equídeos, na Escola de Medicina Veterinária, onde recebeu o diploma com a classificação de *muito apto*.

Actualmente, com mais de sessenta anos de experiência, ainda trabalha para alguns clientes, que não deixam nenhum outro ferrador, aproximar-se dos cascos dos seus cavalos. Como é o caso da cliente de hoje, que me conta, em tom de confiança, que bastou entregar uma vez o animal a outro ferrador, para este ficar logo com lesões, e, explica-me, o quanto este trabalho exige experiência e sabedoria. — Há que saber

analisar as bases do casco do animal, e, decidir, por exemplo, se é necessário, ou não, aumentar-lhe a base de sustentação e equilíbrio. Eu, costumo comparar o ferrador ao ortopedista, porque, tal como uma criança, com uns sapatos que lhe magoam os pés, pode ficar com lesões, no cavalo, uma ferradura mal colocada, pode fazer com que este deixe de andar.

Entretanto, o mestre aproxima-se, e aproveita a conversa para falar de outros tempos. – Hoje em dia, como há quem pague mais de setenta euros para ferrar um cavalo, o que não faltam são ferradores, ou melhor, dizem-se ferradores, porque pensam que é só chegar aqui e cortar as unhas. Mas, é preciso saber muito mais, e, eu, que fiz isto toda a vida, ainda me lembro de levar oitenta escudos pelas quatro ferraduras.

Entretanto, o Mozart, já está devidamente colocado no local onde vai ser ferrado. Fico expectante, a ver o mestre trabalhar: a retirar as ferraduras velhas e os arrebites antigos, a cortar o casco, já a olho, deixando-o na medida exacta para não ferir os tendões, a manejar a grosa, a limpar a arnilha, evitando que esta crie doenças, e, a escolher a medida e o formato apropriados da ferradura, para as mãos, e pés do animal.

A posição em que trabalha é extremamente incómoda, já que tem de colocar-se de cócoras, debaixo do cavalo, para lhe poder segurar no pé que está a ferrar. É assim, durante mais de três horas. O suor, escorre-lhe pela frente, e, as costas exigem um descanso. Aproveito, então, para falar com ele um pouco mais: – Alguma vez levou um coice? – Olhe, quando trabalhava na oficina, raro era o dia em que não ferrava dez a quinze bestas, e, apanhava algumas mesmo más. O que não me falta no corpo, são marcas de coices.

O mestre, volta ao trabalho. Adota a postura inicial, e, prossegue o que estava a fazer, com a mesma tranquilidade. Com o martelo, começa a dar a forma desejada à ferradura, para a adaptar correctamente. Depois, abre um pouco mais as craveiras, os orifícios onde os cravos entram, lima-os com cuidado, cria a caixa do arpão, e, começa a cravar a ferradura.

E é nesse momento, que entendo o significado do ditado: “uma no cravo e outra na ferradura”, porque é exactamente isso que o mestre faz, à medida que martela os cravos nos quatro pés do Mozart.

Ferreiro



As Origens do Ferro

O ferro, é de entre os metais conhecidos, um dos mais antigos, remontando a sua utilização, pelo menos ao segundo milénio antes de Cristo. O homem pré-histórico, já sabia utilizar o ferro, para fabricar armas e diversos tipos de utensílios, mas as dificuldades que a sua extracção apresentava, num estado suficientemente puro, fizeram com que só bastante mais tarde pudesse ser trabalhado, pelo menos na zona que hoje corresponde à Europa.

Pensa-se que o método de fundir o ferro, terá sido descoberto com algum fogo acidental, após o qual se terão encontrado troços de ferro fundido entre as cinzas. E terá sido após tal descoberta, que o homem começou a aquecer o mineral, rico em ferro, em fornos superficiais, situados em lugares elevados, para que o vento ajudasse a temperatura a disparar, através de uma boa quantidade de carvão vegetal. Um método extremamente rudimentar, já que dependia das condições atmosféricas, mas que foi utilizado para fabricar os primeiros machados, pontas de lança e martelos, mantendo-se praticamente inalterável até à Idade Média.

No Egipto, foram descobertos objectos em ferro fundido, que datam de entre 2990 a 2600 antes de Cristo. No entanto, e segundo a Enciclopédia Luso-Brasileira, não

Ferreiro



(37) A época de maior extensão do reino dos Hititas foi por volta de 1300 antes de Cristo, altura em que dominavam grande parte da Síria e além Eufrates.
(38) Nome atribuído aos naturais da Acaia. Originários da Ftiótida, os Aqueos emigraram ao Peloponeso e fundaram os poderosos estados de Laconia e Argólida, de onde foram expulsos, dirigindo-se então para a região que depois se denominaria de Acaia.
(39) No antigo sistema feudal japonês, o Samurai era um indivíduo pertencente a uma classe inferior da nobreza, constituída pelos militares que estavam ao serviço dos daimios (antigos senhores feudais que dominavam o governo).
(40) A importância dos Etruscos remonta a 500 anos a.C., altura em que eram o povo mais poderoso da Itália antiga.

se pode afirmar que a descoberta do mineral se deva aos Egípcios, já que os primeiros descobrimentos de metais, tiveram lugar nas zonas metalúrgicas da Arménia Oriental, sendo os Hititas⁽³⁷⁾, os primeiros a conseguir, não só o aproveitamento dos minerais da zona, como também a forma de utilizar o ferro. Também os Aqueos⁽³⁸⁾, segundo a tradição grega, conheciam o metal, mas dada a sua escassez reservavam-no para premiar a força, destreza e habilidade, demonstradas nos jogos públicos, mantendo o uso do bronze para todas as outras aplicações. Na Índia, já em 1000 antes de Cristo, os artesãos fabricavam, segundo procedimentos primitivos, espadas de ferro, cuja fama se havia de estender mais tarde, durante a Idade Média, por toda a Europa. O Japão, desenvolveu, igualmente, a indústria artística do ferro, com espadas e armaduras na época dos Samurai⁽³⁹⁾, e, na China, o ferro começou a ser utilizado por volta do ano 500 antes de Cristo, no fabrico de diversos utensílios, ainda que só mais tarde o seu uso se tenha generalizado.

Na zona do Mediterrâneo, tudo indica que o ferro se difundiu, no início do primeiro milénio antes de Cristo. Os Romanos, proporcionavam o ferro aos Etruscos⁽⁴⁰⁾, mas como as extracções não eram suficientes para o consumo de Roma, utilizavam as lâminas hispanas, que chegaram a ser a arma regulamentar de todo o legionário. Na Península Ibérica, o início da idade do ferro, pode situar-se entre 1000 e 900 antes de Cristo, ainda que a difusão da cultura, só se tenha intensificado depois de meados do século VII. Durante a Idade Média, foi utilizado, sobretudo, como material defensivo, cujo exemplo se pode apreciar nas portas dos castelos, devidamente fortalecidas, contra possíveis investidas dos invasores. Posteriormente, à medida que as necessidades de protecção começaram a diminuir, o ferro passou a utilizar-se em motivos ornamentais. Uma aplicação, cujo incremento se deu no período gótico, ainda que só no Renascimento tenha atingido o seu apogeu, destacando-se, pela habilidade dos seus artesãos, países como a Espanha, Itália e França, se bem que esta última mais tardiamente.

A partir do século XVII até ao XIX, o trabalho artístico do ferro decaiu, sendo praticado apenas por alguns artesãos, que não conseguiram repetir as maravilhosas realizações do Renascimento, e só no final do século XIX, é que voltaram a aparecer trabalhos em ferro, como arte de ornamentação popular. No entanto, as máquinas começaram a substituir progressivamente o trabalho manual dos artesãos, e o ofício entrou em declínio.

No que se refere às melhorias operadas no método de fundição do ferro, há a assinalar, na Idade Média, a invenção do fole, que permitiu uma maior independência



(41) O método de pudelado permite obter ferro forjado, que é bastante similar ao ferro puro em termos de resistência, maleabilidade e ductilidade, mas que é mais fácil de soldar por forja. (42) Carvão poroso que se obtém como resíduo da destilação da hulha na produção do gás-da-hulha.

das condições atmosféricas, ainda que a qualidade do ferro obtido continuasse a não ser a melhor. Como tal, prosseguiram os esforços no sentido de uma melhoria, conseguindo-se introduzir, a partir do século XIV, algumas alterações nos procedimentos de fundição, porque o ferro era cada vez mais necessário para o fabrico de espingardas e canhões. Os foles, passaram a ser hidráulicos, as fráguas maiores, e como consequência, as temperaturas aumentaram, o que permitiu fundir o metal, separá-lo e obter ferro em bruto. Com este procedimento, logrou-se um maior rendimento, pelo que começaram a proliferar centros industriais em Inglaterra, cujos canhões dominavam todos os mares. No entanto, o método tinha a desvantagem de necessitar enormes quantidades de carvão vegetal, pelo que se começou a procurar, insistentemente, um procedimento alternativo, que permitisse utilizar hulha (carvão fóssil). O esforço durou quase dois séculos, e culminou com a descoberta do método de pudelado⁽⁴¹⁾, com o qual se eliminou o carvão vegetal, passando a utilizar-se coque⁽⁴²⁾.



TERMOS PRÓPRIOS DO OFÍCIO

Bigorna
› peça de ferro onde se malha o metal.

Caldear
› ligar duas substâncias metálicas incandescentes.

Forja
› fornalha onde se aquece o ferro. No início compunha-se de forno e fole.

Forja de campanha
› forja manual para poder trabalhar o ferro fora da oficina.

Malhar o ferro
› dar pancadas no ferro incandescente até conseguir a forma pretendida.

Malho
› ferramenta tipo martelo utilizada para malhar.

Safra
› bigorna grande só de uma ponta.

Talhadeira
› ferramenta em aço utilizada para talhar o ferro quando este está incandescente.

Torno
› aparelho onde se faz girar a peça de metal que se quer tornear.

A História do Ofício

No que se refere ao ofício de ferreiro, ou seja, o homem que fabrica utensílios em ferro, sabe-se que no início estava ligado à extracção do minério, e que só a partir do século XIV, é que a sua função se separou dos trabalhos de extracção e preparação do ferro em bruto, ganhando enorme importância em todas as sociedades. Os Gregos, por exemplo, já rendiam culto a Vulcano, o ferreiro divino, e na Europa, durante a época medieval e renascentista, os ferreiros pertenciam à aristocracia, gozando de enorme prestígio. Por um lado, produziam e preparavam utensílios necessários ao trabalho de outros artesãos, e por outro, eram também os grandes impulsionadores da mudança, quer esta se realizasse através do arado ou da espada. Entre nós, existem documentos bastante antigos, que demonstram a importância dos ferreiros em várias regiões do país, com destaque para o Alentejo, onde a actividade era extremamente útil para a economia rural, pois permitia moldar o metal com que se fabricavam depois os instrumentos e alfaias agrícolas. A Enciclopédia Luso-Brasileira, por exemplo, faz referência ao registo de ferreiros em Elvas, já no século XIII, e em Évora, no século XV. A contribuição dos ferreiros, manteve-se praticamente inalterável até ao século XX, mais precisamente até aos anos sessenta, altura em que começou a verificar-se uma diminuição destes profissionais, devido à mecanização da agricultura. De tal forma que, actualmente, e em especial nas zonas rurais, o ferreiro se dedica, sobretudo, à reparação das alfaias, enquanto nas grandes povoações, pode produzir também, peças em ferro forjado, soldar e afiar diversos tipos de instrumentos.

Ferreiro



HISTÓRIA DE VIDA

Joaquim Santos

71 anos de idade | Paião – Montemor-o-Novo

O Joaquim, tinha tão só doze anos, e a quarta classe terminada, quando o pai o trouxe para a oficina, onde ainda hoje trabalha e onde sempre permaneceu. Alentejano de gema, foi no Paião que nasceu, e é aqui que quer morrer. As únicas saídas, foram a Lisboa para cumprir o serviço militar, aos dezoito anos, e depois, já no tempo da Reforma Agrária, uma viagem oferecida pelo Partido Comunista Português, à Ex-União Soviética.

Nunca sonhou ser outra coisa senão ferreiro, pois já em criança ficava embevecido a ver o pai a malhar o ferro, admirando-lhe o jeito. Naquela altura, trabalho não faltava, e as mãos hábeis de seu pai não tinham descanso. Machados para tirar cortiça, foices para ceifar, enxadas para cavar, arados para lavrar... centenas de utensílios que ajudou a fazer. Tantos que lhes perdeu a conta.

Recorda apenas, que começava a malhar e a dar ao fole, ainda antes do sol nascer, e só regressava a casa já de madrugada. E isto, quando regressava, porque havia dias em que o trabalho exigia a sua presença longe da oficina, nas grandes herdades, onde, depois de uma longa caminhada, ficava largas horas a consertar alfaias.



Chegou a andar vários quilómetros a pé, com a forja de campanha às costas, e apesar do sacrifício, a obrigação de servir os outros sempre falou mais alto. O que fazia não era por dinheiro, mas pela satisfação de atender quem precisava dos seus serviços, e por isso, nunca se queixou. Havia sido seu pai a ensinar-lhe o dever, e jamais o quis defraudar. Nem mesmo quando a paga lhe parecia pouca. O ofício de ferreiro nunca deu para luxos, e foi com dificuldade que conseguiu sustentar a família e criar uma filha. Sempre ganhou pouco, e mesmo assim, ainda se lembra de ocasiões em que teve de receber em espécie, porque as pessoas não tinham dinheiro para lhe pagar: alqueires de farinha, carne de porco, azeite e outros produtos para casa.

Pergunto-lhe quanto é que ganhava na altura. – Era o que o meu pai me quisesse dar. Nunca fui homem de pedir nada, mas também nunca passei fome e sempre me senti bem aqui. Só quando ele teve uma trombose, é que me desanimei um pouco... Segundo me conta, foi nessa altura que o convidaram para trabalhar numa cooperativa, mas ele não aceitou. — Ganhava seis contos por mês, ordenado que me permitia viver melhor do que hoje com quinhentos euros, o ordenado que um ferreiro poderia tirar, caso ainda existisse trabalho. Mas, infelizmente, a procura escasseia, assim como aprendizes para o ofício, pois à parte de machados para tirar cortiça, pouco mais há para fazer.

É por isso, que a sua oficina, uma das mais tradicionais da região, terá de fechar portas quando o mestre desaparecer. Uma ideia que o entristece, pois será o final da história de duas gerações.

De repente, a voz do Joaquim fica entrecortada pela emoção, mas nem assim deixa de malhar. De olhar preso à bigorna, martela insistentemente a lâmina do machado que está a criar, descarregando talvez um pouco da sua mágoa. As mãos, confundem-se com o próprio martelo e com o machado, numa conjugação perfeita entre criador, ferramenta e peça criada.

Para mudar de assunto, pergunto-lhe quanto tempo leva a fazer um machado, e quanto cobra pelo mesmo. – Cerca de meio-dia e vendo-o por sessenta euros, ainda que conheça ferreiros que pedem cem. Mas eu prefiro levar menos. Agora, repare... há trinta anos, este machado podia custar duzentos escudos. Portanto, é só fazer contas para entender a razão pela qual já ninguém quer aprender o ofício.

Forcado



A História dos Forcados

Os moços de forcado, ou pegadores de toiros, terão surgido, segundo Luís Pepe⁽⁴³⁾, nas corridas do Terreiro do Paço, em 1661, aquando da celebração do casamento da infanta D. Catarina de Bragança com o rei de Inglaterra, Carlos II. Os moços de forcado, saíram, então, armados de garrochões,⁽⁴⁴⁾ e entusiasmaram a multidão, ao pegar de caras. Entusiasmo mais que justificado, já que nas corridas da altura, os touros saíam em pontas, o que significa que não eram embolados, algo que só se começou a fazer no reinado seguinte, de D. Afonso VI, por ordem da rainha Maria Francisca Isabel de Sabóia, com medo de que seu esposo, muito dedicado a estas audácias, pudesse sofrer algum acidente. Relativamente à origem dos forcados, Joaquim Grave,⁽⁴⁵⁾ afirma que, esta terá estado, provavelmente, nos moços que usavam os forcados ou forquilhas nos trabalhos agrícolas. Naquela altura, era frequente chamar os trabalhadores principiantes a intervir na faena, que consistia em meter os touros bravos castrados à canga, uma tarefa bastante difícil e que implicava algum risco. E assim, quando o capataz previa alguma dificuldade, chamava os “moços dos forcados” para ajudarem na operação. Independentemente das suas origens, a verdade é que os forcados, começaram a gozar de enorme popularidade, desde a primeira pega de caras, sendo admirados pela sua valentia e coragem. De facto, desde os seus inícios, que a pega foi considerada

(43) PEPE, Luís. *Vitorino Fróis: Páginas da História do Toireio equestre e consideração acerca de tão portuguesa arte*. Colecção Galeria do Aficionado, nº1, Lisboa.

(44) Garrocha grande de picar touros a cavalo.

(45) GRAVE, Joaquim. *Bravo*. Oficina do Livro, Lisboa, 2000.

Forcado



um acto de bravura, sobre o qual muito se escreveu. Ramalho Ortigão, por exemplo, enalteceu o destemor com que os forcados se dedicavam à faena, e Augusto de Castro, definiu a pega, como um acto de bravura, exclusivo do nosso país.

Nos séculos XVII e XVIII, as corridas eram ocasiões de enorme luxo e fausto, não só na apresentação dos cavaleiros e lacaios, como na decoração dos cavalos e nas colgaduras dos palcos. À sumptuosidade do espectáculo, não faltavam os dourados coches reais e da nobreza, nos quais suas majestades e a corte faziam a sua aparição, sendo transportados até à respectiva tribuna, momento a partir do qual se dava início ao torneio. A guardar a entrada, filas de alabardeiros entravam em acção, quando o touro investia, utilizando a alabarda como instrumento de defesa - era a Casa da Guarda, simulada, actualmente, nas corridas à antiga portuguesa, pelos homens do forcado. No que se refere à história dos forcados, propriamente dita, destaque para algumas alterações do seu percurso, que poderiam ter abalado a sua reputação, na medida em que desvirtuaram um pouco a essência da arte.

A este respeito, merece referência o período, em que os forcados deixaram de ser amadores e passaram a profissionais. Uma transformação, que produziu tal desvirtuação, que nos anos trinta, por exemplo, a realidade dos forcados profissionais, que predominavam sobre os amadores, pouco tinha a ver com o espírito de dedicação e entrega que lhes era característico. O que existia, era uma motivação económica, que se sobrepunha à execução técnica e artística da pega, fazendo com que a história, não guarde memória de forcados da altura dignos de referência.

Os que abundavam eram brigões, arruaceiros e marialvas, espécies, felizmente, em vias de extinção nestas lides. É que, como dizem os próprios forcados, não há dinheiro suficiente, capaz de pagar a dedicação e entrega com que arriscam a vida, pelo que preferem o orgulho de enfrentar o touro por pura satisfação, com desprezo pelo dinheiro que jamais a poderá pagar. Motivo pelo qual, há quem os considere o parente rico do espectáculo tauromáquico (e não o pobre), na medida em que estão na festa por verdadeira paixão, sem esperar nada em troca, a não ser o reconhecimento do seu valor. E foi, por tal razão, que a modalidade dos forcados amadores, acabou por se impor aos profissionais, permitindo, no dizer dos entendidos, uma pega mais repousada, com os tempos de execução bem estabelecidos, e com uma boa base técnica.

Finalmente, não seria correcto terminar esta breve alusão à evolução dos forcados, sem mencionar alguns nomes, que devido à sua brilhante actuação, são já uma referência em termos da história da forcadagem: Carlos Grave, Nuno Megre, Pedro Mascarenhas e Luis Gameiro, são apenas alguns, ainda que muitos outros fossem igualmente dignos de menção.



Forcado



HISTÓRIA DE VIDA

Pedro Figueiredo

31 anos de idade | Cabo do Grupo de Forcados Amadores de Santarém

O Pedro, nasceu na Idanha-A-Nova, no seio de uma família numerosa, onde os touros são tradição. Pelo menos, do lado do pai, que também foi forcado antes de se casar, assim como três dos seus dez irmãos. Já sua mãe, apesar de gostar da festa, nunca viu com bons olhos a entrega dos filhos a artes tão perigosas, razão pela qual o rapaz só começou nestas lides, quando foi estudar para Évora. Tinha, então, dezanove anos, e acabava de iniciar a faculdade, quando entrou para o Grupo de Forcados Amadores de Santarém, onde rapidamente se integrou. Segundo me explica, esta integração nem sempre é fácil, pois há indivíduos que não podem fazer parte de um grupo de forcados, como os arruaceiros por exemplo. Razão pela qual, antes de admitir novos forcados, é necessário um período de convívio, pois tão importante quanto aprender a arte de pegar touros, é integrar-se no grupo, e fazer com que todos se sintam em família. Algo que sucedeu com ele, desde o momento em que entrou no grupo de Forcados de Santarém, onde completa agora a sua vigésima temporada. Desde 1987 até 2000, integrou o grupo como forcado, e a partir de 2002, começou a dirigi-lo como cabo, cargo para o qual foi escolhido por unanimidade. Contas feitas às pegas, em que já participou, como ajuda, rabejador, cara e cernelheiro, são mais de quinhentas, as ocasiões em que valentemente arriscou ou viu arriscar a vida, e em que soube



Forcado



demonstrar toda a valentia e arte dos forcados, em geral, e deste grupo em particular. Pergunto-lhe se sofreu alguma colhida. – Não. Felizmente não. Como fazia muito desporto, nunca fiquei com nenhuma mazela. Foram sempre coisas pequenas. Roturas de ligamentos, e pequenos arranhões que se curaram por eles. Levei muita porrada. Mas felizmente, tive sorte, porque tenho amigos que estão todos partidos e cheios de problemas... mas mesmo assim, sabe qual é a sua maior tristeza? Não poderem pegar!



TERMOS PRÓPRIOS DO OFÍCIO

Aguentar
› é uma das regras para efectuar a pega. Consiste em fazer um compasso de espera. Parar, depois do touro arrancar.

Cabrestos
› bois mansos e castrados que servem de guia aos touros.

Cabo
› responsável pelo grupo de forcados. Decide quem se farda, quem entra em cada pega, e qual a posição que deve ocupar, entre muitas outras funções.

Cite
› diálogo que o forcado da cara trava com o touro, quando o incita, e que marca um dos momentos essenciais da pega: mandar.

Esticar
› quando o forcado recua, o touro começa a esticar-se. Perde brutalidade e a pega fica facilitada.

Humilha
› utiliza-se para classificar o comportamento do touro. O touro que humilha é nobre, ou seja, baixa a cabeça para marrar, comportamento que facilita a pega.

Pega de cernelha
› é um dos vários tipos de pega que existem. É efectuada apenas por dois forcados.

O cernelheiro e o rabejador. Consiste em pegar o touro pelo lombo, colocando o pegador (cernelheiro) um dos braços no sítio da cruz ou cernelha, enquanto o outro (rabejador) agarra o touro pelo rabo.

Forcado da cara ou cara
› o forcado que incita o touro.

Primeiro ajuda
› o forcado situado imediatamente depois do cara.

Segundos ajudas
› são dois forcados situados lado a lado para ajudar ao encaixe do cara.

Rabejador
› o forcado que agarra o rabo do touro com o objectivo de o melhor situar para consumir a pega. Tem a função de guiar o touro e de o parar.

Templar
› é uma das regras para efectuar a pega, e consiste em recuar na velocidade certa quando o touro arranca.

Terceiros ajudas
› são três forcados que estão situados no final da fila e cujo objectivo é amparar e amortecer.

Trincheira
› muro ou tapume que circunda a arena numa praça de toiros.



Um Dia com os Forcados

A praça do Campo Pequeno, é o local escolhido para acompanhar um grupo de forcados, e sentir toda a adrenalina deste hobby, que sem ser profissão, tem sangue português.

Seleciono um grupo com tradição, e encontro-me com o Grupo de Forcados Amadores de Santarém, cuja história remonta a 1915, às oito da noite, num andar situado mesmo ao lado da Praça do Campo Pequeno. Pouco a pouco, começam a chegar os rapazes que integram o grupo, cerca de trinta, acompanhados das respectivas namoradas, e rapidamente, o apartamento fica pequeno para tanta gente jovem. A maioria, na casa dos vinte, ainda que haja também alguns menores de idade. Intrigada pela sua presença, pergunto ao cabo se é obrigatório ter autorização dos pais para que possam entrar na pega. – Não. Não é preciso. Já os conheço e sei se são capazes... e isso basta!

Explica-me, então, que os forcados têm, durante o Inverno, vários treinos, nos quais lidam novilhos e vacas, aplicam a teoria, aperfeiçoam a técnica, e demonstram se têm ou não garra para vencer as adversidades.

Convém lembrar, que esta é uma arte onde os acidentes podem, sempre acontecer, pelo que é imprescindível aceitá-los desde o início, sendo, exactamente, nessa superação, que os forcados encontram força para enfrentar uma e outra vez o perigo. Sem medo, mas com muito respeito e profissionalismo.

Entretanto, o cabo começa a chamar os rapazes para a fardamenta. A expectativa é enorme, já que ninguém sabe se vai ser escolhido. Hoje, e atendendo a que a corrida tem dois grupos de forcados, apenas se podem fardar, no máximo, dezoito elementos, e no mínimo, doze. A ansiedade aumenta, e só o cabo conhece a lista que elaborou depois do sorteio, ainda que a decisão final sobre quem vai entrar na pega, seja tomada durante a corrida, enquanto o toureiro crava os ferros, e o touro deixa adivinhar o seu comportamento.

Entre os rapazes, surgem expressões de orgulho e de desânimo, à medida que a lista é conhecida. À varanda, amontoam-se as raparigas, que tentam ocupar o tempo da melhor forma possível. Falam dos cursos que frequentam, e das férias que já passaram, alheadas do nervosismo que os rapazes vivem no outro lado da sala. A sua presença é uma constante em todas as corridas, pelo que pergunto a uma delas, se sente medo quando vê o namorado à frente do touro. – Ele anda nisto porque gosta, e eu tento não pensar demasiado. Mas, às vezes, quando lhe acontece alguma coisa, passo muito medo. Outras vezes, sinto um orgulho enorme. Depende. Há pouco,



tempo fez um corte no queixo que levou dezasseis pontos. Punha água na boca e saía-lhe pelo outro lado. Já está todo cozido. No outro dia fizemos as contas, e em pouco mais de dois anos já levou mais de quarenta pontos.

O comentário é feito sem mágoas. Aliás, os forcados com quem falei, referiram-se às suas lesões sem qualquer rasgo de aflição. Sem darem importância à dor. Como se ela fosse a prova da sua valentia.

Nove da noite. É hora de recolher aos quartos para fardar. Começam os rituais. A farda não pode ser colocada em cima da cama. A primeira meia a vestir, deve ser a direita e só depois a esquerda. Há quem atire o barrete para o chão enquanto se farda e há também quem o morda. Superstições para todos os gostos. Depois de fardados, vêm para a sala à procura de espaço suficiente para aplicar as respectivas faixas. Dividem-se em grupos de dois. Colocam-se em extremos opostos, e um deles começa a enrolar-se numa ponta, enquanto o outro puxa e solta a faixa, com o objectivo de proteger, devidamente, o abdómen do companheiro.

Faltam apenas alguns minutos para as vinte e duas horas, quando o grupo abandona o andar e se dirige para o pátio de quadrilhas, onde, depois de cumprimentar cavaleiros e capinhas, vai à capela para a última oração antes da pega.

Na praça, cerca de sete mil pessoas aguardam, expectantes, a entrada dos toureiros e dos dois grupos de forcados. Começam as cortesias, com as apresentações de cavaleiros, capinhas e forcados. À direita, oito elementos do grupo mais antigo, o da capital ribatejana, e à esquerda, o de Coruche. Segundo as regras, o grupo mais antigo tem direito ao primeiro touro, alternando os restantes com o segundo grupo. Como tal, hoje, o grupo de Santarém, pegará o primeiro, terceiro e quinto touros da noite.

O público, aplaude entusiasticamente, enquanto aguarda o início da festa, e os que vão sair à arena esperam ansiosos atrás da trincheira. O dia já vai longo para os forcados, que depois de um dia de trabalho, cada um nos seus afazeres, aguardam a ocasião para demonstrar o seu domínio da arte de seduzir e mandar. Momento heróico e trágico, em que a arte se associa ao perigo, e a vida se confronta com a morte. Tudo a postos. Sai o primeiro touro. Quatrocentos e sessenta e seis imponentes quilos, e cinco ferros em pouco mais de vinte minutos. O toureiro abandona a praça, e os forcados entram em acção. Do lado de cá da trincheira, benzem-se, e saltam das tábuas em grande estilo. Começa a faena. O cara, avança na direcção do touro. Coloca o barrete, ajeita a jaqueta e começa a mandar. Os restantes elementos adoptam as respectivas posições. O primeiro ajuda, mantém uma certa distância. Os segundos vêm logo depois, lado a lado. E, finalmente, o rabejador e os terceiros ajudam. O cara aguenta, o primeiro ajuda rectifica a posição, assim como os restantes. O bicho ar-



Forcado

ranca, e o cara começa a templar. É um touro nobre que humilha bem. A pega é um êxito e tudo corre de feição. Terceira pega. Quinhentos e vinte majestosos quilos, e um touro que só quer é tábuas, o que significa que teve muito capote e já está cansado. O animal, que apresenta sete bandarilhas, algumas em posição algo preocupante, por poderem ferir os forcados na cara, insiste em manter-se junto às tábuas do lado oposto. O cara, manda uma e outra vez, mas ele não responde. Bate as palmas e avança em repetidas ocasiões. Aproxima-se de tal forma, que o público, já assustado, lhe pede que recue. Mas ele, insiste na estratégia, e de repente, o bicho avança como uma flecha, deixando-lhe pouca margem para templar. A pega é um sucesso, e o público aplaude efusivamente enquanto suspira de alívio. Quinta e última pega do grupo. Quinhentos e quarenta e dois quilos, que entram na arena como uma verdadeira bala. Fico a imaginar o impacto que o bicho provocará, quando for recebido de braços abertos, sem qualquer amortecedor. Por isso, quando vejo os forcados saltarem para a arena, e o cara a colocar o barrete, fico estupefacta. Um rapazinho de tenra idade, estatura média e fraca constituição. Ouço os comentários do público, e até do capinha, que não acreditam que o rapaz dê conta do recado. – Vai pelos ares logo à primeira, comenta um senhor com ar de entendido, mesmo atrás de mim. O cara, começa a mandar todo desempenado. Mãos nas ancas e barrete bem enfiado. Efectua os movimentos cara a cara, chamando a atenção do touro num cite com muita toreria (manda). O animal arranca pronto, o cara aguenta (pára). Recua de seguida (templa) e encaixa-se de tal forma, que até parece fazer parte do corpo do bicho. Magnífico. Sinto perfeitamente a entrega do forcado, e fico sem palavras para descrever tanta habilidade. O público está eufórico, e levanta-se para aplaudir a sua arte. Uma e outra vez. O espectáculo é tal, que quando o puto dá a volta à praça, até parece já ter crescido! No dia seguinte, ligo ao Cabo para dar os parabéns por tão maravilhosa actuação, e é com surpresa, que fico a saber que um dos forcados fracturou uma tibia, fractura que implicará dois meses de recuperação, e outro, fez uma ruptura de ligamentos no pé. No entanto, e segundo me informa, são contratempos aos quais os rapazes não dão importância. Estão felizes pelo êxito das pegas, e o seu maior desejo, é recuperarem o mais depressa possível para poderem voltar a fazer aquilo de que mais gostam: pegar touros!

Marisqueiro



O Marisqueiro

O dicionário define “mariscar” como “apanhar mariscos”, e “marisqueiro” ou “mariscador”, como “aquele que marisca”, entendendo-se assim que a actividade engloba a apanha de qualquer tipo de marisco, o que nem sempre acontece. E, se por um lado, existem marisqueiros que apanham, de facto, vários tipos de marisco e até de peixe, a verdade é que nem todos têm preparação física e técnica para o fazer, para além de que, no seu dia a dia de trabalho, cada marisqueiro tende a especializar-se na apanha das espécies mais abundantes da sua região. E, assim sendo, não será exagerado falar em determinadas especializações, das quais o “percebeiro” é um bom exemplo. O significado da palavra, ainda não consta das enciclopédias, mas quem trabalha no mar, conhece-o como “aquele que se dedica à apanha de percebes”, sendo esta, sem dúvida, uma das formas mais arriscadas de ganhar a vida. Os percebeiros, são os alpinistas do mar, em constante luta com as ondas que não lhes facilitam o assalto às rochas, e o roubo das unhas carnudas e suculentas. Mas é com elas que ganham o pão das suas vidas, um pão arduamente conseguido, já que em cada fenda, furna ou buraco, as arriscam heroicamente. E é por isso, que nem todos podem ser percebeiros, remontando a tradição e herança desta singular forma de vida, aos ho-